

O FENÔMENO DA CRASE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA

THE CRASIS PHENOMENON IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING: A MORPHOSYNTACTICAL ANALYSIS

Marcella Rodrigues de Almeida Moreira Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
4345@academicougbr.com.br

Vitor Gums Martins Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
4345@academicougbr.com.br

Juliana Barros Nespoli Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
juliana_nespoli@yahoo.com.br

Resumo Este trabalho tem como objetivo geral contribuir para a reflexão acerca do ensino de Língua Portuguesa. Mais especificamente, pretende-se refletir sobre o ensino do acento grave e o fenômeno da crase a partir de uma análise morfofossintática do português e propor um conjunto de atividades pedagógicas que contemple o ensino da crase a partir de uma perspectiva morfofossintática. Para alcançar esses objetivos, uma pesquisa bibliográfica foi feita sobre o assunto abordado no presente trabalho que inclui gramáticas tradicionais e descritivas do português brasileiro. A partir das definições apresentadas, busca-se expor e refletir sobre as dificuldades enfrentadas no emprego do acento grave no português brasileiro. Para auxiliar no ensino desse fenômeno, foi desenvolvida uma proposta pedagógica a fim de contribuir para a prática docente em sala de aula e facilitar o ensino e aprendizagem.

Palavras-chave Crase. Língua Portuguesa. Ensino. acento grave. morfofossintaxe.

Abstract This work aims to contribute to the reflection on the teaching of the Portuguese language, with a focus on the teaching of the grave accent and the phenomenon of crasis through a morphosyntactic analysis of Portuguese. The research included a literature review, encompassing traditional and descriptive grammars of Brazilian Portuguese. Based on the definitions presented, the difficulties in using the grave accent in Brazilian Portuguese are highlighted. The study concludes with a pedagogical proposal to assist teaching practice in the classroom and facilitate the teaching and learning of these concepts.

Keywords Crasis. Portuguese Language. Teaching. acento grave. morphosyntactics.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 10/02/2024
Publicado em 30/04/2024

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, mesmo com estudos linguísticos tão avançados e propostas inovadoras para o ensino de Língua Portuguesa nas escolas, ainda é possível encontrar uma grande distância entre o que é o ideal de ensino para os alunos e o que realmente é ensinado atualmente em nossas escolas. Estamos presos a um ensino que não considera na maioria das vezes toda a bagagem previamente trazida pelos alunos de suas experiências anteriores e que impõe regras e normas que quase nunca são utilizadas no dia a dia dos falantes, contribuindo “para preservar o *status quo*, impedindo ou, pelo menos, restringindo a mobilidade social” (MARTINS, 2017, p.100). Devido a essa distância, torna-se cada vez mais difícil proporcionar um ensino linguístico eficaz, mesmo para falantes que tenham o português brasileiro como sua língua materna.

Nesse contexto, dentre todas as dificuldades enfrentadas em sala, as dúvidas pertinentes ao uso do acento grave indicador de crase, no que se refere a quando, por que e como utilizá-lo, é uma das maiores, visto que, tratando-se do português brasileiro, este fenômeno não se manifesta através da oralidade, promovendo diferença gramatical unicamente através da língua escrita. Na dúvida, os falantes optam por não utilizar o acento para não cometer equívocos ou por simplesmente não saber onde exatamente inseri-lo, fato que pode ser explicado por

haver outros itens gramaticais na língua com a mesma realização fonética: o verbo **há** e o artigo feminino **a** (coincidência também ortográfica). Para eliminar eventuais dificuldades pela existência de três itens gramaticais com igual pronúncia, nós preservamos o artigo **a** (de altíssima frequência), substituímos o verbo **há** por **tem** (uso registrado também no português arcaico), e trocamos a preposição **a** por **em** ou **para**, conforme o verbo. (BAGNO, 2012, p. 871).

Em virtude disso, o presente trabalho busca contribuir para a reflexão acerca do ensino de Língua Portuguesa, objetivando especificamente (1) refletir sobre o ensino do acento grave, e o fenômeno da crase, a partir de uma análise morfo-sintática do português; (2) propor um conjunto de atividades pedagógicas que contemple o ensino da crase a partir de uma perspectiva morfo-sintática.

A metodologia aplicada é a bibliográfica com base em referenciais teóricos de artigos científicos, das gramáticas tradicionais e descritivas, para que seja possível compreender e caracterizar o emprego do acento grave junto ao fenômeno da crase, com o propósito de entender seu comportamento morfo-sintático, e produzir um material pedagógico que contribua para o ensino de português.

Este artigo está dividido em cinco seções a partir da introdução. A segunda seção trata de um panorama do ensino de português e propostas didáticas de ensino que norteiam esta pesquisa. A

terceira seção aprofunda o tema da crase por um viés morfo-sintático a partir de análises de gramáticas tradicionais e artigos científicos sobre o tema. A quarta seção trata da proposta pedagógica para o ensino do acento indicador de crase com base no que foi discutido ao longo deste artigo. Por fim, na quinta seção, as considerações finais desta pesquisa são apresentadas.

1 O Ensino de Língua Portuguesa

Os últimos anos têm sido importantes para a reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa no que diz respeito às metodologias e seus propósitos. É nítido que, por muito tempo, as abordagens trabalhadas em sala de aula não contemplavam alguns componentes necessários para um ensino de língua que fosse satisfatório, isto é, em alguma etapa do processo de ensino, algum aspecto da língua ficava em segundo plano ou sequer era colocado em perspectiva.

Ensinar a Língua Portuguesa é uma tarefa desafiadora, até mesmo quando o público-alvo de ensino são os próprios falantes da língua. Isso porque existe uma considerável diferença entre o português que é ensinado em nossas escolas e o português falado diariamente pelos brasileiros. Graças à priorização de um ensino da língua pautado em aspectos normativos, que favorece a linguagem escrita e busca estabelecer regras fixas e padronizadas, nos distanciamos ainda mais de um ensino ideal que valoriza a realidade de nossa língua, bem como a rica variedade linguística existente em nosso país. É importante ressaltar que a Língua Portuguesa se mostra de forma dinâmica e diversa, bem diferente da língua padrão abordada tradicionalmente em nossas escolas, por isso,

mais do que decorar conceitos e testar a capacidade de memorização dos alunos, é imprescindível que a aula de língua portuguesa seja um laboratório em que o aluno testa teorias e percebe as regras tácitas que a sua língua internalizada possui (MARTINS; BORGES, 2017, p. 4).

Nesse sentido, este artigo pretende conciliar algumas investigações linguísticas com o ensino básico, uma vez que

Esse ensino (o “ensino normativo” da língua) deve ser atacado com muita cautela e com toda a diplomacia. Como qualquer material potencialmente explosivo, deve ser manejado com cuidado. Acredito que com o desenvolvimento da leitura fluente e do hábito da leitura, a maior parte do problema acaba desaparecendo por si só. O que restar poderá ser objeto de ensino, mas sempre deixando bem explícito o verdadeiro papel do padrão escrito frente às variedades coloquiais. Não levar isso em conta resultará, fatalmente, em agravar os já sérios problemas que infestam nossa disciplina, o ensino em geral e, em última análise, a vida de nossos alunos. (PERINI, 2010, p. 34 apud MARTINS; BORGES, 2017, p. 5).

Para dar conta de sistematizar e articular alguns componentes presentes no ensino de Língua Portuguesa, Vieira (2017) propõe uma abordagem de três eixos para o ensino de gramática, levando

em consideração “(i) elementos que permitem a abordagem reflexiva da gramática; (ii) recursos expressivos na construção do sentido do texto; e (iii) instâncias de manifestação de normas/variedades.” (p. 71). Essa proposta tem como objetivo “a ampliação do repertório linguístico dos alunos, de modo que usem e reconheçam formas alternantes diversificadas em gêneros textuais igualmente variados.” (p. 81), mas com toda a possibilidade de adaptar a aplicação desses eixos à natureza do fenômeno gramatical a ser trabalhado.

A abordagem proposta pela autora auxilia no desenvolvimento de habilidades linguísticas na prática docente, promovendo uma maior compreensão e domínio do fenômeno gramatical a ser estudado. Dessa forma, utilizaremos também essa abordagem para promover uma proposta pedagógica que valorize o fenômeno estudado no presente trabalho através de uma análise sistemática da morfosintaxe do português.

2 O fenômeno da crase: uma abordagem de ensino a partir da análise morfosintática

Assim como na perspectiva geral do ensino de Língua Portuguesa, também há muitos obstáculos para serem analisados no que diz respeito ao ensino da crase. Podemos começar observando o nome dado ao acento que indica esse fenômeno, “acento grave”, que apesar do nome que recebe, não corresponde ao som que ele designa no português brasileiro, como bem sinalizou Bagno (2012): “a *crase* (como fenômeno acústico) *não existe no português brasileiro*, porque ela não resulta de uma soma de vogais átonas centrais como em português europeu” (p.872, grifo do autor).

Portugal $\rightarrow v + v = a$
Brasil $\rightarrow a + a = a$

Figura 1: retirado de BAGNO (2012), p. 872.

Essa observação se torna relevante quando observamos que “duas vogais idênticas justapostas pela queda de consoante intervocálica passam por crase.” (FARACO, 2005, p. 48 apud MOTA, 2012, p. 73).

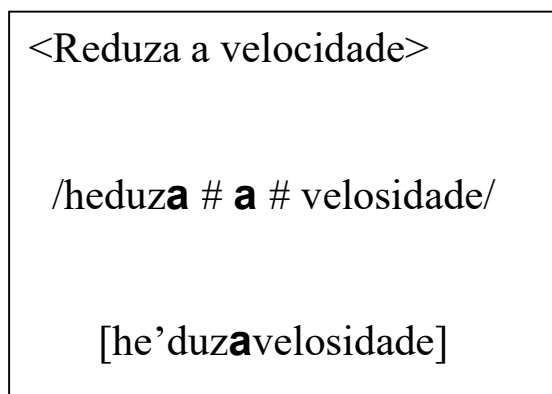


Figura 2: retirado de MOTA (2012), p. 77.

O dado acima revela que crase é um fenômeno muito mais comum do que se pensa, ocorrendo abundantemente na fala a partir da conexão entre as palavras na pronúncia, no entanto apenas em um aspecto da gramática — na morfosintaxe — ele é assinalado pelo acento grave, o que pode tornar a compreensão do fenômeno algo difícil de processar.

O fenômeno da crase, dessa forma, se torna um desafio ainda maior para falantes do português brasileiro a partir do momento em que não se encontra uma correspondência entre o aspecto fonético-fonológico e o aspecto morfosintático, sendo sua manifestação presente apenas na modalidade escrita. Diferentemente do português europeu, onde há uma variação fonética e a crase pode ser facilmente identificada através da fala, portanto assinalada morfosintaticamente, isso não ocorre no português brasileiro, causando confusão e dúvidas acerca do emprego do acento gráfico.

De todo modo, para que seja entendida a importância do acento grave, assim como a necessidade do seu emprego na linguagem escrita, é necessário que se faça uma análise morfosintática para que a pertinência do uso da crase seja entendida de forma simples e eficaz uma vez que “mesmo pessoas de boa instrução e cultura se queixam de dificuldades no domínio desse ‘a’ acentuado” (LUFT, 2014, p. 6). Ainda de acordo com Luft (2014), pelo “excesso de ensino” que não contribui significativamente para que a crase seja realmente entendida a partir de uma perspectiva tradicional, cria-se um mito de que a crase “é difícil demais” de ser empregada quando, na verdade, a falta de uma abordagem simples e eficaz confunde e complica no seu entendimento. E, como também mencionado pelo autor, o emprego

desse acento pode até mesmo ser feito sem muitos empecilhos e de forma intuitiva pelo falante/escritor da língua.

Nesse cenário, o ensino da crase se torna um fenômeno menor, tendo em vista as breves definições encontradas em algumas gramáticas tradicionais como a de Cunha; Cintra (2016) segundo a qual “o acento grave é empregado para indicar a crase da preposição *a* com a forma feminina do artigo (*a*, *as*) e com pronomes demonstrativos *a(s)*, *aquela(s)*, *aquilo*” (p. 78, grifo dos autores). Há também Bechara (2019), que, em uma breve apreciação acerca de uma série de contrações entre preposição e artigo, diz sucintamente haver “contração quando, nalguma outra palavra, a preposição sofre redução” (p. 326) e mostra, em seguida, uma série de exemplos que pouco exploram aspectos morfosintáticos desse fenômeno. Bechara (2019) utiliza-se ainda da regência normativa de outros verbos como *morar* (em + a), *vir* (de + a), *passar* (por + a), para justificar o uso do acento grave quando a preposição *a* emerge de palavras que projetam essa preposição.

Rocha Lima (2022), por outro lado, faz uma apreciação mais profunda sobre o fenômeno da crase, destinando um capítulo inteiro sobre o assunto, levando em consideração, inclusive, aspectos semânticos que podem tornar o uso do artigo feminino definido (*a*, *as*) não necessário para o entendimento do sintagma nominal (SN). Mas, apesar disso, o autor também confere um rótulo ao acento gráfico ao dizer: “usa-se para marcar a crase da preposição *a* com o artigo *a*” (p. 91), dando a ideia de que preposição e artigo se fundem na escrita. Ademais, a crase — vista por uma perspectiva morfosintática — é um fenômeno que não emerge com tanta recorrência em muitos textos, o que a torna de fato um recurso provocador de confusão, já que a única alternativa para os falantes/escritores é a análise do comportamento morfosintático da crase.

A análise morfosintática sobre a crase pode ser colocada em evidência a partir de algumas considerações de Menezes (2005) para o conceito de complemento, isto é, um princípio de dependência “para caracterizar a relação sintática mais básica entre uma palavra e um sintagma” (p. 58). Essa colocação é imprescindível para que se possa entender a relação entre a preposição *a* que emerge do predador/núcleo lexical — elemento este que, como explicitou Menezes (2005), estende-se “a todas as classes lexicais (nome, verbo, preposição, adjetivo e advérbio)” (p. 58) — e o determinante *a* que aparece como artigo que concorda com o substantivo feminino. Ainda segundo o autor,

é muito importante, também, incorporar às descrições sintáticas a noção de *sintagma*, a qual, como já apontamos, é imprescindível para se mostrar que as funções são conceitos derivados de relações básicas entre sintagmas ou entre núcleos e sintagmas. (MENEZES, 2005, p. 68).

Apesar dos diferentes pontos de vista teóricos apresentados aqui e, também, dos provavelmente existentes em outros materiais destinados ao ensino de gramática, podemos perceber que a crase quase nunca antecederá um substantivo masculino, por exemplo. Além disso, o acento grave indicador de crase a cada dia mais vem se apagando do uso cotidiano da escrita e, assim, torna-se uma característica essencialmente preservada pela norma-padrão. Na modalidade escrita, diferentemente da fala, é comum que haja um monitoramento mais rígido quanto aos usos padronizados da língua, o que a diferencia da fala justamente por esta ser espontânea e a escrita ser passível de constante revisão. Em vez de utilizar a crase, em virtude das inúmeras incertezas sobre a forma correta de emprego desta, o falante/escritor opta por substituir o “a” com acento grave por uma contração da preposição “em” com o artigo definido feminino “a”, por vezes, não prevista pela norma-padrão. Essa colocação pode ser observada, por exemplo, na frase “As crianças foram *na* escola”, que, para contemplar a norma padrão, deveria ser escrita da seguinte forma: “As crianças foram *à* escola”. Observa-se que, ao optar por essa alternativa, mesmo havendo a contração com uma preposição diferente, o artigo no feminino ainda aparece. Esse movimento pode se tornar uma chave para o falante de português brasileiro quando ele encontra um predicador lexical que permita a variação, desde que ele esteja atento às exigências da norma-padrão.

Sobre a norma-padrão e o uso das preposições *em* e *a*, Bagno (2012) comenta que

No período de constituição da norma-padrão clássica literária do português (século XVI), ocorreu uma tentativa de delimitar de forma mais restrita o uso das preposições *a* e *em*. [...] *tentativa* porque, mesmo em autores do período chamado *clássico* (a partir do século XVI), ainda é comum a flutuação no uso das duas preposições. (BAGNO, 2012, p. 868-869, grifo do autor).

Esta seção trata de um apanhado de conceitos acerca do fenômeno da crase e busca explorar como esses conceitos muitas vezes são confusos de entender, dado o fato de que se trata de um fenômeno fonológico recorrente na língua, embora as descrições gramaticais focalizem a sua ocorrência quando desta emerge o acento grave, justamente quando o fenômeno é menos naturalmente perceptível aos falantes

do português do Brasil. É importante destacar que o falante, inconscientemente, sabeda confusão dessa contradição, fato que é explorado por Mota (2012). A autora alerta que “a escrita dos usuários é puramente o reflexo daquilo que ouvem” (p. 72) e por isso “é possível entender a dificuldade de muitos falantes em reproduzir a crase na escrita a partir da fala, uma vez que, na pronúncia, não se faz ou não se ouve a separação entre vogais iguais que compreendem o fenômeno” (p. 73).

Ao fazer o recorte dessa passagem voltando-se para o ensino do acento grave, faz-se importante ressaltar que

(1) Justamente por seu uso cada vez mais restrito, é função da educação linguística ensinar explicitamente o emprego da preposição *a* na regência de muitos verbos de uso quase exclusivo em gêneros textuais mais monitorados: *apresentar(-se) a*, *referir(-se) a*, *elegar(-se) a*, *dirigir(-se) a*, *capacitar(-se) a* etc. (2) Também é incontornável o ensino sistemático do emprego do **acento indicador de crase**, uma vez que se trata de uma regra ortográfica sem correspondência acústica na fonética do PB. Esse ensino só terá sucesso se for empreendido com base em usos de textos autênticos e por meio da pesquisa e da dedução de regras. (BAGNO, 2012, p. 1006).

A fim de alcançar o segundo objetivo deste trabalho tendo em vista as perspectivas apresentadas até aqui, a seção seguinte tratará de uma proposta pedagógica comentada para enriquecer a discussão sobre o ensino de crase em sala de aula.

3 Proposta pedagógica

Visando contribuir para o ensino do fenômeno da crase através dos eixos de ensino de gramática propostos por Vieira (2017), exercícios foram elaborados para alunos do Ensino Médio. Os quatro exercícios que compõem a presente proposta pedagógica utilizam especificamente o eixo 1 e o eixo 3 abordados pela autora e que tratam de atividades reflexivas e variação e normas, respectivamente. Através da utilização dessas atividades, espera-se promover uma reflexão consciente da língua e, especificamente, do fenômeno da crase, assim como, mesmo que de forma breve, permitir que reconheçam e reflitam sobre o acento grave a partir de diferentes estruturas linguísticas. Espera-se, dessa forma, facilitar a compreensão do pensamento científico em relação à linguagem.

A presente proposta pedagógica, construída com base nas reflexões feitas, possui um conjunto de quatro questões para auxiliar na prática docente. Ao realizar as atividades elaboradas, em (1) o aluno observará a crase a partir do predicador nominal; em (2) estabelecerá comparação entre artigos perante a preposição “a”; em

(3) examinará a diferença de sentido imposta pela crase e pelos predicadores nominais; e em (4) realizará a identificação dos predicadores no texto e a diferença de sentido. Através desses exercícios, pretende-se levar o discente a chegar aos conceitos e resultados esperados a partir da própria reflexão e com base em conceitos já adquiridos previamente por ele.

Exercício 1: Observe os adjetivos a seguir e tente escrever uma frase em que eles precisem de um complemento.

- (a) Acessível.
- (b) Benéfico.
- (c) Análogo.
- (d) Contrário.
- (e) Idêntico.

1.2 Você consegue apontar algo em comum na construção desses complementos? O quê?

Figura 3: exercício 1 da proposta pedagógica.

Espera-se que o aluno identifique a necessidade da preposição “a” para conseguir construir as frases. Em seguida, o professor deve expor no quadro alguns exemplos que os próprios alunos produziram para o fenômeno ser identificado e explicado. O professor pode também, nesse momento, selecionar as produções linguísticas do aluno em que haja tanto núcleo nominal feminino quanto masculino a fim de conseguir mostrar as diferenças na convenção escrita.

Exercício 2: Compare os complementos do adjetivo em negrito. Você consegue apontar o que há de diferente na introdução dos complementos?

- (a) A cidade de Volta Redonda foi construída de forma **paralela** ao Rio Paraíba do Sul.
- (b) A cidade de Volta Redonda foi construída de forma **paralela** a uma usina.
- (c) A cidade de Volta Redonda foi construída de forma **paralela** à CSN.

Figura 4: exercício 2 da proposta pedagógica.

Nesse segundo exercício, o aluno deve analisar o uso dos artigos nas diferentes construções e compreender a aplicação do acento grave. Neste momento, é oportuno introduzir o conceito de crase ao aluno e demonstrar quando é necessário utilizar o acento grave, o qual pode ser identificado ao observar como os elementos regentes das preposições se comportam morfosintaticamente. A definição de crase pode ser colocada da seguinte maneira:

Definição: O fenômeno da crase aparecerá à medida que uma palavra exija um complemento que peça a **preposição “a”** seguida de um substantivo feminino que comporte o **artigo “a”** ao seu lado.

Figura 5: definição de crase para o exercício 2 da proposta pedagógica.

A partir da definição e do convencimento de que o aluno sabe acentuar corretamente a partir do raciocínio sintático simples, será possível aprofundar o assunto com dados que apresentam variação, seja sintática, seja de sentido.

Exercício 3: Analise as frases a seguir e identifique a diferença entre elas.

(a) O entregador me pediu que esperasse [a porta.] **SN = OD**

(b) O entregador me pediu que esperasse [à porta.] **SP = adjunto**

Durante a discussão em sala de aula, espera-se que o aluno diga que as duas frases são idênticas foneticamente, exceto na escrita, pelo acento indicador de crase.

Exercício 3.1. As duas frases são diferentes? Qual a diferença de sentido entre elas?

Figura 6: exercício 3 da proposta pedagógica.

Em (a), entende-se que o entregador pede ao sujeito que espere pela entrega de uma porta. Já em (b), fica entendido que o sujeito deve esperar algo ou o próprio entregador na porta. Na frase (a), o sintagma nominal "a porta" corresponde a um complemento verbal não preposicionado e no feminino; já em (b), o sintagma preposicionado "à porta" é introduzido por uma preposição que inicia um adjunto adverbial e, por esse motivo, vemos a ocorrência da crase.

Exercício 3.2: Em uma situação em que uma das frases acima fosse produzida oralmente, haveria a possibilidade de uma interpretação ambígua caso o contexto não pudesse esclarecer a situação. De que maneira você reescreveria essa frase a fim de desfazer essa ambiguidade?

Figura 7: exercício 3 da proposta pedagógica.

Abaixo, vemos possibilidades de respostas esperadas do aluno. Essas frases também poderão ser mostradas pelo professor em debate com os alunos:

- O entregador me pediu que aguardasse a chegada da porta.
- O entregador me pediu que esperasse perto da porta.

Observe que, na escrita, o acento é fundamental para desfazer a ambiguidade. Já no contexto oral, produzimos essas frases da mesma forma, o que, dependendo do contexto, pode provocar uma ambiguidade.

Exercício 4: Leia o texto a seguir:

“Hoje, pela manhã, eu desliguei o alarme do celular e me levantei com muito esforço, mas não pude deixar de ir à apresentação de dança do meu namorado. Quando terminei de me arrumar para sair, vi à porta que havia esquecido minha carteira na estante do quarto e tive que voltar para pegá-la. Me atrasei. Saí correndo em direção ao ponto de ônibus e, apesar de ter me atrasado, consegui ir no banco, sentado ao lado de uma senhora muito simpática. Cheguei a tempo de assistir à apresentação, que foi inesquecível.”

Exercício 4.1: Identifique todas as palavras que exigem a preposição “a” conforme a definição apresentada anteriormente.

Figura 8: exercício 4 da proposta pedagógica.

Neste exercício, é importante que o aluno identifique todos os predicadores que projetam o sintagma preposicionado iniciado pela preposição "a". Para tornar essa análise mais clara, o professor pode adotar uma abordagem visual. Ele pode apresentar o texto novamente, destacando todas as palavras que atendem a essa condição, seja por meio de slides ou na lousa, sinalizando os verbos encontrados no texto para que os alunos possam copiá-los em seus cadernos.

Além disso, ao avaliar o desempenho da turma, o professor deve observar o comportamento dos SP adjunto e SP complemento nas orações do texto. Isso permitirá aos alunos entenderem como a preposição "a" é utilizada em diferentes contextos sintáticos, o que é fundamental para compreender o conceito de crase.

Este é o momento ideal para introduzir a variação linguística, mostrando que o uso da preposição “a” no texto não é homogêneo, já que pode ser percebido o uso de outras preposições como em “ir no banco” em contraste com “ir à apresentação de dança do meu namorado”. Essa variação pode ser evidenciada no próprio texto, apontando também que o “a” de fato é uma preposição e, assim, aprofundar o entendimento do fenômeno da crase. O professor pode estender o exercício para analisar outros predicadores verbais presentes no texto, como “assistir”, “chegar” e “ver”, para que os alunos possam identificar como a preposição “a” é usada em várias situações, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do tema.

Exercício 4.2 Repare no uso do verbo “ir” e tente explicar a diferença de sentido no uso das preposições. Utilize elementos do próprio texto para argumentar sua justificativa.

Figura 9: exercício 4 da proposta pedagógica.

Considerações finais

Sabe-se que o ensino de Língua Portuguesa ainda enfrenta desafios no que se refere às metodologias utilizadas e à consideração da realidade linguística dos alunos. A priorização de uma abordagem normativa e padronizada da língua muitas vezes distancia o ensino da realidade do uso linguístico cotidiano dos falantes, gerando dificuldades de aprendizado.

Quanto ao fenômeno da crase, percebe-se que a falta de correspondência fonética no português brasileiro e a predominância do uso da crase apenas na modalidade escrita tornam esse tema um dos maiores obstáculos para os alunos. As definições presentes em algumas gramáticas tradicionais não exploram de forma adequada os aspectos morfo-sintáticos da crase, o que pode gerar confusão e dificuldades para os estudantes.

Com base nas reflexões e análises realizadas, foi proposta uma abordagem pedagógica para o ensino da crase que valoriza os aspectos morfo-sintáticos do fenômeno. Os exercícios elaborados buscam levar o aluno a compreender a crase a partir da própria reflexão e da análise de exemplos concretos. Essa abordagem procura integrar o ensino da crase aos eixos de epilinguística e metalinguística.

propostos por Vieira (2017), promovendo o desenvolvimento de habilidades linguísticas de forma mais efetiva.

Através da implementação dessa proposta pedagógica, espera-se que os alunos possam superar as dificuldades enfrentadas no uso da crase, compreendendo sua importância na modalidade escrita e utilizando-a de forma adequada. Além disso, é desejável que os alunos adquiram uma visão mais ampla e reflexiva sobre o ensino de Língua Portuguesa, reconhecendo a dinamicidade e diversidade da língua, e considerando suas práticas sociais e contextos de uso.

As contribuições deste estudo se estendem não apenas ao âmbito educacional, mas também à pesquisa linguística, ao propor uma abordagem mais aprofundada e eficaz para o ensino da crase. Possíveis desdobramentos futuros incluem a aplicação e avaliação prática da proposta pedagógica em diferentes contextos educacionais, bem como a continuidade da investigação sobre outros fenômenos linguísticos que também possam gerar dificuldades no ensino de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 60 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.
- LUFT, Celso Pedro. **Decifrando a crase**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2014.
- MARTINS, Nize Paraguassu. BORGES, Rivanildo da Silva. Observações semânticas sobre o estudo da crase no português brasileiro. **Letras em Revista**, Teresina, v. 08, n. 01, jan./jun. 2017.
- MARTINS, Ozanir Roberti. **Um estudo sobre o acento grave e o fenômeno da crase**. Disponível em: <<http://www.filologia.com.br/arquivos/REV%20XXI.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2023.

MENEZES, Humberto Peixoto. Simplificando o ensino de sintaxe. **Revista Letras**. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, p. 52-72, jan./jun. 2005.

MOTA, Sílvia Regina Silva. **Aspectos do fenômeno crase**: perspectivas histórica, gramatical e uso no português. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Gramática, Variação e Ensino**: diagnose e propostas pedagógicas. 1 ed. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2017.